

cidade adaptativa e com menor receptividade para novos desafios. Este fenômeno já se deixa sentir a partir dos quarenta anos e cada decênio a mais acentua estas tendências. Os psicólogos costumam afirmar que com o andar do tempo o indivíduo vai se estruturando cada vez mais, de maneira que termina por perder boa parte de sua plasticidade e de sua abertura para os convites do mundo. É o que observamos na imensa maioria das pessoas.

4. Outros fatores: a questão da responsabilidade e da autenticidade

Além dos fatores até aqui comentados, existem alguns traços caracteriais que favorecem o desenvolvimento integral - ou que o atrapalham. Antes de ir mais longe é conveniente esclarecer o que se entende por traço caracterial. Traço caracterial é um modo característico de relacionamento do sujeito na sua interação com o mundo - as coisas, os objetos e as pessoas. Ser atencioso ou displicente, disciplinado ou negligente, gentil ou arisco, assertivo ou tímido, responsável ou irresponsável, farsante ou verdadeiro, sério ou brincalhão, reflexivo ou irreflexivo, honesto ou desonesto, persistente ou desistente, comunicativo ou reservado - e outros mil mais, são traços que caracterizam as pessoas na maioria das situações, não necessariamente em todas, pois existem situações nas quais nos comportamos de modo diferente do habitual. É uma questão de predominância. Ninguém é inteiramente verdadeiro, honesto, sério, responsável, atencioso - sempre estão presentes os traços opostos em menor medida, o que é expresso por atos esporádicos ou meramente setoriais (somos irresponsáveis ou espertalhões em determinadas circunstâncias, como quando fingimos concordar com as opiniões do chefe ou mentimos para obter um benefício comercial ou erótico).

Pelo menos dois traços me parecem de grande conveniência para qualquer empreendimento de fôlego, sobretudo quando pretendemos ir um pouco além da média (e da mediocridade humana, tão generalizada). Autenticidade e responsabilidade. Menciono estes dois, mas todos os indicados acima, de cunho positivo, seriam convenientes.

O senso da responsabilidade faz parte e é um aspecto importante do cuidado de si. Somos responsáveis: respondemos por nossas ações e pelo andamento e orientação de nossa vida. Responsáveis perante os outros, perante Deus (se a pessoa acredita em agentes espirituais que regem o Universo e que julgam o comportamento das pessoas) e perante nós mesmos. A responsabilidade perante os outros é a base da ética e da juridicidade. A responsabilidade do sujeito com respeito a si mesmo é o lado ativo de sua liberdade e de sua autonomia. Esse é o trinômio da individualidade. A responsabilidade perante agentes metafísicos é o fundamento da religião. O pressuposto da

interação entre o indivíduo e Deus (ou deuses) é o fundamento da religião. Não basta acreditar num Deus abstrato, que teria até criado o Universo, mas que não teria relação ativa com o homem (como alguns filósofos já postularam). Isso é um teísmo racionalista; não é religião.

Como psicólogos, na tentativa de ajudar à pessoa, procuramos avaliar seu grau de responsabilidade. Algumas constatações se impõem; observamos que quanto mais dependente é uma pessoa, menos responsável se sente. Na criança é bastante claro, inclusive admitido como normal, embora já se insista na necessidade de que assuma seu deveres e compromissos.

Um fraco senso ético igualmente comporta um baixo senso de responsabilidade. É o que verificamos especialmente nas chamadas personalidades psicopáticas e, em menor medida, nos indivíduos auto-indulgentes.

Existe uma correlação positiva entre grau de autoconsciência e grau de responsabilidade: quanto mais consciente é o sujeito, mais responsável tende a ser. Aliás, um aspecto de primeira ordem no desenvolvimento de si, consiste justamente nesta assunção das responsabilidades que nos competem. As pessoas de um nível incipiente tendem a colocar a responsabilidade do que lhes acontece sobre agentes externos (os outros); em entes simbólicos (o destino, a má sorte) e até em supostas vidas passadas. Como já indiquei em páginas anteriores, no início de um processo de mudanças, o sujeito apela para subterfúgios para assim poder escapar ou atenuar sua responsabilidade. A medida que se conscientiza, isto é, à medida que compreende sua realidade como decorrência de sua atuação, assume o que é de sua incumbência.

A questão da autenticidade é mais complexa. Há pelo menos três maneiras de entender este conceito. Por ora, no intuito de torná-lo utilizável em psicologia, quero destacar uma acepção desta palavra. Autêntica é a pessoa que não usa truques, disfarces e falsidades para obter algum ganho (consideração, poder, respeito, lucros). Ser autêntico é ser verdadeiro.

Contudo, inclusive na sua acepção mais simples, ser verdadeiro não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, o espaço social está inteiramente dominado por normas, convenções e imposições que tornam impraticável, em muitas situações, esta proposta. De novo surgem aquelas dificuldades conhecidas por todos nós: até que ponto podemos nos opor a essas normas, a essas figuras de autoridade? Todos os dias vemos noivos ateus, casando-se numa cerimônia religiosa convencional e jurando uma promessa na qual não acreditam. Por acaso são muitos os honrados cidadãos que declaram o que efetivamente ganham, quando preenchem o formulário dos impostos? Há normas difíceis de atender e mais difíceis ainda de ignorar.

Este é o lado social, mas há também o lado individual. Há certas ver-

dades que as pessoas preferem ignorar; preferem iludir-se até onde podem. É doloroso ter que admitir a verdade de certas realidades. Custa admitir que se tem um filho deficiente mental; é difícil aceitar que se teve um pai imprestável - bêbado, mau caráter, irresponsável, agressivo. É doloroso constatar que a natureza foi mesquinha conosco, dando-nos uma aparência pouco atrativa. Nem sempre é estimulante verificar que somos avaliados em grande medida pelo nosso status social. E não precisamos ir tão longe: em todas as áreas registramos algo similar. Nietzsche dizia que media a qualidade de um homem pela sua capacidade de aguentar a verdade; Jesus, sua antítese, ensinava que pela verdade nos libertariamos. Duas teses que nos dão uma boa idéia da magnitude desta questão. De qualquer maneira, a verdade tem para nós um valor superior ao da falsidade e da mentira - não importa quanto nos enganemos, seja por via do simples erro, seja pelas tentações das ilusões compensatórias, seja por simples cálculo de ganhos.

Devagar vão aflorando as verdades essenciais da pessoa. Em todo T.D. está se colocando continuamente a questão da verdade; sobretudo quando o cliente tenta esquivar-se de seu apelo. Muitos declaram tranqüilamente que preferem enganar-se e enganar. No relacionamento conjugal, 45% das pessoas afirmam que preferem não saber de uma eventual infidelidade do parceiro e 90% sustentam que, no caso de que eles enganem, negariam sem vacilar seu lance extra-matrimonial. Entretanto, embora existam áreas onde ser verdadeiro seja mais difícil, as pessoas que podemos qualificar como predominantemente autênticas, tendem a evitar os truques, as mentiras e as simples fachadas. São verdadeiras com os outros, o que não significa que sejam igualmente verazes consigo. Não apenas enganamos a nosso próximo; como também a nós mesmos, talvez em maior medida.(5)

A questão das negatividades da existência e sua relação com a autenticidade.

Ainda quero destacar uma outra maneira de entender o tornar-se autêntico. Esta outra maneira se relaciona com a inevitável negatividade da existência. O negativo não é um simples acidente, um episódio lamentável que nos acontece vez por outra, por puro azar. O negativo está presente nas mais diversas formas ao longo de toda a vida, com maior ou menor destaque. Nós oscilamos entre o ser e o nada. É este nada que nos mantém alerta, sustentando o cuidado que nos permite dar conta do que nos acontece. É este nada que nos adverte da fugacidade e da finitude de tudo. É também este nada o que nos leva a exaltar o que somos, por pouco que seja este ser que se destaca em nossa existência.

Percebemos o nada e captamos o ser através das negatividades. Entre

estas negatividades quero mencionar sete que estão sempre rondando por perto:

- a perda - o fracasso -a angústia -a solidão - a incomunicação
- o absurdo - a morte

Todas estas negatividades as vivimos como momentos, como intervalos sombrios que se misturam com nosso poder iluminador -igualmente distintivo do Dasein. Todas elas revelam aspectos de nosso ser -de sua carência, de suas falhas, de sua fragilidade, de seu sentido provisório, de sua incerteza, de sua finitude.

O notável é que poucas pessoas aceitam com tranquilidade a presença destas negatividades; e muito poucos sabem conviver com elas. Penso que um processo de neogênese prepara à pessoa para ir aceitando esta convivência com todas estas negatividades; o prepara sempre que o indivíduo se defronte com seu próprio abismo e não apenas enxergue a ponte que lhe permite cruzá-lo. Não é boa tática fingir que elas não existem, que são um mero subproduto de nossa incompetência e do acaso. Saber conviver com a perda ou a incerteza, por exemplo, é aceitar que no movimento da vida muita coisa vai ficando para trás, esfumada pelo desgaste do percurso; é aceitar que o futuro está em aberto, em grande medida indeterminado, com todos os imprevistos que suscitam a esperança e o medo -e mesmo sabendo isto arriscar novas apostas..

Esta aceitação das negatividades como a companhia inevitável da afirmação da vida é o que eu chamaria de autenticidade. Autêntica é a pessoa que sabe conjugar esta dupla fase do acontecer: o negativo e o positivo. Olha o abismo, mesmo correndo o risco da vertigem e da queda.

5. Interesse por alcançar um estágio evolutivo mais alto, um maior desenvolvimento

"Eu não sou uma mulher estudada; fui me fazendo sozinha pela vida; trabalhando aqui e ali desde os meus 14 anos. Já fui faxineira, datilógrafa, secretária de médico e atualmente funcionária da prefeitura. Sempre tentei ser algo mais; algo mais não só pelo lado material, econômico, também como gente, como pessoa. Sempre tive presente alguns princípios que minha mãe me incutia e que fui vendo que eram muito certos. Seja correta e procure fazer o bem a quem quer que seja; esforce-se por obter o que deseja, mas antes veja se o que deseja é valioso e correto. Estas três máximas orientam até hoje a minha vida. Não sou uma mulher infeliz, mas estou tendo alguns conflitos com o meu parceiro e preciso conversar com uma pessoa competente. Nunca coloquei minha intimidade para um profissional; acredito que deve ser uma experiência que me ensinará muita coisa